

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

ARTES VISUAIS

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ARTES VISUAIS

DISCIPLINA: ARTES VISUAIS, HISTÓRIA E SOCIEDADE
RESUMO
Estudo de tópicos fundamentais da História da Arte no Brasil com abordagem interdisciplinar, envolvendo aspectos históricos, sociológicos e artísticos, considerando o período que abrange desde a Pré-História (arte pré-colonial) até nossos dias. Competências: reconhecer a arte como sistema cultural; estudar a arte como fenômeno social; identificar o papel das instituições artísticas e culturais para a configuração do campo artístico no Brasil; apresentar artistas e obras da arte brasileira. Habilidades: conhecer as produções e os diferentes momentos da arte no Brasil; identificar aspectos da arte desde o período pré-colonial até a contemporaneidade.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 CAVERNAS E DESENHOS A PINTURA CORPORAL INDÍGENA CERÂMICA INDÍGENA OS VIAJANTES HOLANDESES EM BELAS PAISAGENS IMAGINÁRIO DA FAUNA E DO INDÍGENA
AULA 2 OS ANTECEDENTES EUROPEUS O BARROCO DE CADA REGIÃO DO BRASIL: PARTICULARIDADES AS IGREJAS BAIANAS IGREJAS MINEIRAS GRANDES MESTRES
AULA 3 MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA NO BRASIL VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL: JOHANN MORITZ RUGENDAS ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES: PROMOÇÃO POLÍTICA E POSSIBILIDADE DE CRÍTICA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES: REFORMA E OUSADIA APROXIMAÇÕES COM O MODERNO
AULA 4 A IMPORTÂNCIA DE UMA ARTE NACIONAL: VICENTE DO REGO MONTEIRO O ÁPICE MODERNISTA EM SÃO PAULO O ÁPICE MODERNISTA NO RIO DE JANEIRO? OSWALDO GOELDI ECOS MODERNISTAS NO PARANÁ
AULA 5 NO RIO DE JANEIRO: CONTEXTO POLÍTICO E SENSIBILIDADE ARTÍSTICA SÃO PAULO E A URBANIZAÇÃO A CRIAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE MODERNA EM SÃO PAULO E NO RIO DE JANEIRO

INSTITUIÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS - A BIENAL DE 1951
OS ABSTRATOS

AULA 6

NOVAS LINGUAGENS E NOVAS TECNOLOGIAS: O VÍDEO E O MAC-USP
DESMATERIALIZAÇÃO E CONCEITUALISMO
NEOCONCRETISMO
ARTE E ENGAJAMENTO
GRAFITE E A RELAÇÃO SOCIAL COM A CIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- BORGES, E.; FRESSATO, S. Arte em seu Estado: história da arte paranaense. vol.1. Curitiba: Medusa, 2008.
- LIPPARD, L.R.; CHANDLER, J. A desmaterialização da arte. Revista Arte & Ensaios. n.25., maio de 2013. Disponível em: www.ppgav.eba.ufrj.br2013/12ae25_lucy.pdf. Acesso em: 24 nov. 2016.
- TIRAPELI, P. Arte Brasileira: Arte Indígena do Pré-colonial à contemporaneidade. Col. Arte Brasileira. São Paulo: Editora Nacional, 2006.

DISCIPLINA:

PERCEPÇÃO VISUAL E TEORIA DAS CORES

RESUMO

Percepção visual é uma das várias formas de percepção sensorial. É o resultado da interpretação, estética e lógica, das informações que as células fotorreceptoras do olho humano traduziram em impulsos nervosos e que foram enviados ao córtex visual primário por meio do nervo óptico. “Toda percepção é também pensamento, todo raciocínio é também intuição, toda observação é invenção”. (Arnheim, 2002). Sendo a imagem uma construção cerebral, vários estudiosos da Psicologia da percepção afirmam que esta construção vem recheada das memórias que temos de nossas experiências passadas. A imagem extraída da retina é utilizada pelo olho da mente como fundamento para levantar hipóteses sobre o que encontramos, e usamos nossas experiências passadas para criar hipóteses sobre a imagem que observamos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
PERCEPÇÃO VISUAL – “O OLHO É CEGO ENQUANTO O CÉREBRO NÃO VÊ”
PROPRIEDADES PERCEPTIVAS
A LUZ E PERCEPÇÃO DO ESPAÇO PROJETADO
TEORIA DA GESTALT APLICADA À ARQUITETURA

AULA 2

INTRODUÇÃO
LEONARDO DA VINCI E A DEFINIÇÃO DAS CORES PRIMÁRIAS
ISAAC NEWTON E A COMPOSIÇÃO DA LUZ
GOETHE E O CÍRCULO CROMÁTICO

AULA 3

INTRODUÇÃO
COR-PIGMENTO E A SÍNTESE SUBTRATIVA

COR-LUZ E A SÍNTESE ADITIVA
SÍNTESE PARTITIVA
CÍRCULOS CROMÁTICOS

AULA 4

INTRODUÇÃO
ESQUEMAS DE CONSENSO
ESQUEMAS DE EQUILÍBRIO
PROPORÇÃO CROMÁTICA
INTERAÇÃO CROMÁTICA

AULA 5

INTRODUÇÃO
O PRETO E BRANCO
O PRETO E BRANCO
O LARANJA, O VIOLETA E O ROSA
O MARROM, CINZA, OURO E PRATA

AULA 6

INTRODUÇÃO
A COR APLICADA NO AMBIENTE RESIDENCIAL
A COR APLICADA A HOTÉIS E ESPAÇOS GASTRONÔMICOS
A COR APLICADA A ESCRITÓRIOS, CULTURA E LAZER PASSIVO
A COR-LUZ NA ARQUITETURA, A COR NA PAISAGEM

BIBLIOGRAFIAS

- SILVEIRA, M. L. Introdução à teoria da cor. 2. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.
- LIMA, M. Percepção visual aplicada a arquitetura e iluminação. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2010.
- GAZZANIGA, M. S.; IVRY, R. B.; MANGUN, G. R. Neurociência cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DISCIPLINA:

PRÁTICA PROFISSIONAL: PROJETOS DE ENSINO E CULTURAIS EM ARTES VISUAIS
PARA DIFERENTES CONTEXTOS

RESUMO

Refletir sobre o papel das artes visuais na nossa sociedade exige observar a realidade social, econômica e política em que vivemos e sua influência nas práticas artísticas. E aqueles que desejam elaborar e executar projetos culturais precisam saber como captar recursos, gerir pessoas e monitorar resultados.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CULTURA
CULTURA E ARTES
CULTURA E SOCIEDADE
CULTURA E EDUCAÇÃO
CULTURA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

AULA 2

AÇÃO SOCIAL
MODELOS EXEMPLARES
O AGENTE SOCIAL
AS DIFERENÇAS DE CONTEXTOS
O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

AULA 3

SALA DE AULA E REDES DE ENSINO
ESPAÇOS URBANOS E PERIFÉRICOS
ESPAÇOS RURAIS
COMUNIDADES ÉTNICAS
ESPAÇOS DE PRESERVAÇÃO E TOMBAMENTO

AULA 4

O QUE É UM PROJETO? COMO MONTAR?
ESTRATÉGIAS PARA A GESTÃO DO PROJETO
COMO CAPTAR RECURSOS?
COMO AGIR DIANTE DAS CONTRAPARTIDAS?
ACOMPANHAMENTO

AULA 5

METODOLOGIAS DE ENSINO
OS NÍVEIS DE ENSINO
TRANSPOR OS MUROS DA ESCOLA
INTERDISCIPLINARIDADE
RESPONSABILIDADE

AULA 6

PRODUÇÃO PESSOAL
MERCADO E ARTE
DIREITOS AUTORAIS
CAMPOS DE ATUAÇÃO
SER CIDADÃO E SER PROFISSIONAL: OS LIMITES

BIBLIOGRAFIAS

- BAUMAN, Z. Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- LARAIA, R. de B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- TYSZLER, M. Mudança social: uma arte? Empreendimentos sociais que utilizam a arte como forma de mudança. Revista de Administração Pública, v. 41, n. 6, FGV, 2007. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6616>. Acesso em: 6 jan. 2018.

DISCIPLINA: LEIS DE INCENTIVO E PROJETOS CULTURAIS EM ARTES VISUAIS
RESUMO
Nesta disciplina serão abordados os seguintes conteúdos: tópicos sobre projetos culturais, leis de incentivo à cultura, políticas culturais, marketing e produção cultural; estudos de caso; elaboração de um projeto cultural em Artes Visuais. Também iremos estudar projetos culturais, leis de incentivo à cultura, políticas culturais, marketing e produção cultural; conhecer e avaliar casos específicos; elaborar projeto cultural em Artes Visuais.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 OS CAMPOS DIVERSOS DAS ARTES ARTE COMO PATRIMÔNIO PÚBLICO E PRIVADO OS MERCADOS DAS ARTES LEIS DE INCENTIVO CAPTAÇÃO DE RECURSOS
AULA 2 INTERESSES DO CAPITAL PÚBLICO E DO CAPITAL PRIVADO ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS ONTROLE DA EQUIPE CONTROLE FINANCEIRO PRESTAÇÃO DE CONTAS
AULA 3 ENSINO E POPULARIZAÇÃO DAS ARTES CRIAÇÃO DE CENTROS CULTURAIS CONSERVAÇÃO E RESTAURO MOSTRAS, SALÕES E FEIRAS CONSIDERAÇÕES FINAIS
BIBLIOGRAFIAS
<ul style="list-style-type: none">● PORTAL BRASIL. Regulamentação e incentivo de projetos culturais pela Lei Rouanet. Ministério da Cultura e Educação, Governo Federal do Brasil, 2017. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cultura/regulamentacao-e-incentivo. Acesso em: 8 jun. 2017.● CESNIK, F. de S. Guia do incentivo à cultura. Barueri: Manole, 2007.● MORES, U. S. Leis de incentivo e sistemas colaborativos de financiamento. Curitiba: Intersaberes, 2017.

DISCIPLINA: PRÁTICA PROFISSIONAL - ARTES VISUAIS - DIGITAL
RESUMO
Nesta disciplina será abordada a pesquisa artística centrada na exploração de recursos ligados à tecnologia digital. Também é abordado o desenvolvimento de projetos artísticos utilizando os recursos da imagem e do vídeo digital como suporte. Ao final, teremos uma reflexão crítica sobre o processo de criação e produção artísticas envolvendo suportes digitais.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CARACTERIZANDO A CIBERCULTURA
DEFININDO O CIBERESPAÇO
DISPONIBILIDADE. CONECTIVIDADE. UBIQUIDADE
COMPREENDENDO A INTELIGÊNCIA COLETIVA
ENTENDENDO A CIBERARTE

AULA 2

DIGITALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO
FOTOGRAFIA
VÍDEO
CINEMA
A EMERGÊNCIA DA COMPUTAÇÃO GRÁFICA

AULA 3

AS TECNOLOGIAS DO TEMPO REAL
INTERATIVIDADE, INTERAÇÃO E INTERFACE
HIPERMÍDIA
OS DISPOSITIVOS MÓVEIS
POÉTICAS DO IMEDIATO, O PROCESSO CRIATIVO EM ARTE DIGITAL

AULA 4

AS TECNOLOGIAS DO ESPAÇO EXPANDIDO
IMERSÃO
REALIDADE AUMENTADA
REALIDADE VIRTUAL (RV)
AS POÉTICAS DA DISTÂNCIA

AULA 5

AFETIVIDADE HUMANO-MÁQUINA
PROGRAMANDO SENTIDOS
DIÁLOGOS HM
CIBORGUE
ROBÔ

AULA 6

SOFTWARES PARA STORYTELLING
TRANSMÍDIA
PROBLEMATIZANDO A MÍDIA
GAMES, NARRATIVAS CONECTADAS
TEATRO DIGITAL, ESPAÇOS DINÂMICOS

BIBLIOGRAFIAS

- LEMOS, A. Cibercultura, Cultura, e Identidade. Em direção a uma "Cultura Copyleft". Simpósio Emoção Art.Ficial. São Paulo: [s.n], 2004, 12p. Disponível em: www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf. Acesso em: 10 maio 2018.
- MARTINO, L. M. S. Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

- JENKINS, H. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

DISCIPLINA:
METODOLOGIAS ATIVAS

RESUMO

A educação é um meio único para trazer mudanças sociais, porém, devido às diversas mudanças na sociedade, surge a necessidade de introduzir mudanças também no sistema educacional. Neste contexto, as metodologias devem oportunizar o cumprimento dos objetivos desejados. Sendo assim, para que os estudantes se tornem participativos, torna-se fundamental a adoção de metodologias que os envolvam e atividades cada vez mais criativas e elaboradas. Nesse sentido, para tratar dessas possibilidades as Metodologias Ativas se tornam essenciais, pois a partir delas se concebe a sala de aula como um espaço vivo, de trocas, resultados e pesquisas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

O QUE É ENSINO?

METODOLOGIAS DE ENSINO

METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITUAÇÃO

SURGIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTEXTO HISTÓRICO

AULA 2

INTRODUÇÃO

METODOLOGIAS ATIVAS E TEORIAS DA APRENDIZAGEM

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – CONCEITO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – HISTÓRICO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 3

INTRODUÇÃO

METODOLOGIAS ATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE

METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIAS

METODOLOGIAS ATIVAS E A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS

TIPOS DE METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 4

INTRODUÇÃO

CULTURA DIGITAL

APRENDER COM TECNOLOGIAS: NOVOS CAMINHOS

A SALA DE AULA HOJE: ESPAÇOS DIVERSOS

METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO HÍBRIDO

AULA 5

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

AULA 6

INTRODUÇÃO

ESTUDO DE CASO E SALA DE AULA INVERTIDA

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS

GAMIFICAÇÃO, DESIGN THINKING E CULTURA MAKER

METODOLOGIAS ATIVAS E AVALIAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- BASSALOBRE, J. Ética, Responsabilidade Social e Formação de Educadores. Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 311-317, mar. 2013.
- BERGMANN, J.; SAMS, A. Flip your classroom: Reach every student in every class every day. USA: ISTE, 2012.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

DISCIPLINA:

GAMIFICAÇÃO APLICADA À EDUCAÇÃO

RESUMO

A possibilidade de aumentar o envolvimento de indivíduos por meio de estratégias de gamificação intensificou a adoção destas, bem como o desenvolvimento de pesquisas sobre a sua eficácia nos processos de ensino e aprendizagem. A partir desse contexto, estudaremos os principais motivos da popularização do uso de elementos dos jogos na educação, assim como o perfil dos alunos da sociedade contemporânea e as competências necessárias para o século XXI. Em seguida, vamos analisar os aspectos acerca da motivação na educação e a relação de teorias de aprendizagem com a gamificação. Por fim, refletiremos sobre os pontos positivos e negativos da gamificação na educação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

PERFIL DOS ALUNOS E COMPETÊNCIAS DO SÉCULO XXI

GAMIFICAÇÃO E MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO

TEORIAS DE APRENDIZAGEM E GAMIFICAÇÃO

ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA GAMIFICAÇÃO

AULA 2

INTRODUÇÃO

THE MULTIPLAYER CLASSROOM

STAR QUESTION

GEOGAMIFICATION

O USO DA NARRATIVA PARA MELHORIA DA APRENDIZAGEM

AULA 3

INTRODUÇÃO

DESIGN INSTRUCIONAL

APRENDIZAGEM ON-LINE

APLICAÇÕES DA GAMIFICAÇÃO
ENSINO HÍBRIDO

AULA 4

INTRODUÇÃO
GAMIFICAÇÃO DE CONTEÚDO E ESTRUTURAL
PESQUISAS
GAMIFICAÇÃO DA METODOLOGIA DA PESQUISA
CLASSCRAFT

AULA 5

INTRODUÇÃO
LEMON TREE
GAMIFICAÇÃO PARA A GESTÃO DE MUDANÇAS
LIBRARY QUEST
REFLEXÕES FINAIS

AULA 6

INTRODUÇÃO
ETAPAS DO PROJETO INSTRUCIONAL
ROTEIRO DE GAMIFICAÇÃO
DIVERSÃO
CONSIDERAÇÕES FINAIS

BIBLIOGRAFIAS

- NESTERIUK, S.; FAVA, F. (Org.). Gamificação em debate. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2018.
- BUSARELLO, R. I. Em gamificação em debate. São Paulo: Blucher, 2018.
- DICHEVA, D. et al. Gamification in education: a systematic mapping study. *educational Technology & Society*, v. 18, n. 3, p. 75-88, 2015.

DISCIPLINA:

INTERDISCIPLINARIDADE

RESUMO

Pensar sobre interdisciplinaridade exige um olhar amplo, que acople o estar aqui e os limiares de onde se deseja ir. Em outras palavras, não se pode pensar a relação entre os conhecimentos sem ter noção do espaço em que ela pode acontecer. É evidente que esse espaço é desmedido, visto que vivemos em um cenário sem limites; convivemos, por meio das possibilidades tecnológicas, em todo o planeta ao mesmo tempo e com possibilidades intermináveis de conhecer instantaneamente o passado e, com isso, antever o futuro.

Poderíamos resumir esse pensamento como se fossemos deuses, uma vez que temos a possibilidade, com ajuda da tecnologia, de sermos onipresentes e oniscientes. Todavia, devemos, como já dito, olhar ao nosso redor e perceber a diferença do que se pode fazer daquilo que se faz. Assim, principalmente como educadores, devemos conhecer as diferentes, ricas e importantes culturas e o processo cada vez mais aberto e possível de globalização.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
EDUCAÇÃO NA GLOBALIZAÇÃO

COGNIÇÃO E A TECNOLOGIA
PARADIGMAS DA CIÊNCIA
EDUCAÇÃO DO FUTURO

AULA 2

INTRODUÇÃO
INTERDISCIPLINARIDADE
MULTIDISCIPLINARIDADE
PLURIDISCIPLINARIDADE
TRANSDISCIPLINARIDADE

AULA 3

INTRODUÇÃO
ENFOQUE EPISTEMOLÓGICO E PEDAGÓGICO
CONTRIBUIÇÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO CAMPO DO ENSINO
LDB
BNCC

AULA 4

INTRODUÇÃO
CONHECIMENTO PEDAGÓGICO
DIDÁTICA E TEORIA
TEMPO E ESPAÇO
IDENTIDADE DO DOCENTE

AULA 5

INTRODUÇÃO
A INTERDISCIPLINARIDADE E OS DIREITOS HUMANOS
A INTERDISCIPLINARIDADE E A ÉTICA
A INTERDISCIPLINARIDADE E O MEIO AMBIENTE
A INTERDISCIPLINARIDADE E A PAZ

AULA 6

INTRODUÇÃO
EDUCAÇÃO DENTRO E FORA DA SALA DE AULA
A INTERDISCIPLINARIDADE E O MUNDO NA ESCOLA
A INTERDISCIPLINARIDADE DA ESCOLA PARA O MUNDO
VISÃO INTERDISCIPLINAR

BIBLIOGRAFIAS

- SILVA, M. Sala de aula interativa a educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 3, jan.-jun. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3H09p3O>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- BORGES, M. E. N. et al. A ciência da informação discutida à luz das teorias cognitivas: estudos atuais e perspectivas para a área. Cadernos BAD 2, Lisboa, p.80-91, 2004.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. Trad. Humberto Mariotti; Lia Diskn. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.

DISCIPLINA: HISTÓRIA E CULTURAS INDÍGENAS
RESUMO
<p>Os povos indígenas do Brasil e do mundo transmitem seus conhecimentos e saberes de geração em geração por meio da oralidade, ou seja, o uso da palavra falada e são conhecidos por serem ágrafos (que não fazem uso da escrita). Para organizar esses conhecimentos, eles criaram diversos tipos de mitos, músicas e rituais mágico religiosos relacionados aos seus saberes sobre as ciências e sua organização social, o que pode ser compreendido por folclore. Podemos entender por folclore, aquele corpo de cultura completo e consistente que foi transmitido, não em livros, mas de boca em boca e na prática, desde tempos fora do alcance da pesquisa histórica, na forma de lendas, contos de fadas, jogos, brinquedos, artesanato, medicina, agricultura e outros ritos, e formas de organização social, especialmente aquelas que chamamos de tribais (Barnesmoore, 2017). Isso, por si só, já torna relevante a recorrência à mitologia para a reprodução cultural dos povos indígenas, assim como a mitologia greco-romana foi o alicerce de nossa sociedade ocidental.</p>
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
<p>AULA 1 INTRODUÇÃO JOGOS INDÍGENAS ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA, UM BREVE HISTÓRICO DISTINÇÕES NECESSÁRIAS HISTÓRIA INDÍGENA NO BRASIL</p>
<p>AULA 2 INTRODUÇÃO OS MECANISMOS DE DESTERRITORIALIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS ÁREAS SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA: AS CONTRIBUIÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS NA HISTÓRIA DO BRASIL O MOVIMENTO INDIGENISTA ATUAÇÃO DA FUNAI</p>
<p>AULA 3 INTRODUÇÃO COSMOVISÃO INDÍGENA O CÉU E A CULTURA INDÍGENA A LUA E A CULTURA INDÍGENA MITOS SOBRE A LUA</p>
<p>AULA 4 INTRODUÇÃO CAÇA INDÍGENA SUSTENTABILIDADE INDÍGENA INFÂNCIA INDÍGENA CERÂMICA E CESTARIA</p>
<p>AULA 5</p>

INTRODUÇÃO
DANÇAS INDÍGENAS
MANEJO DO MEIO AMBIENTE E QUESTÕES CONCEITUAIS
PLANTAS MEDICINAIS
LENTES CULTURAIS

AULA 6

INTRODUÇÃO
OBSERVAÇÕES INTERÉTNICAS
LENTES CULTURAIS DENTRO DA NOSSA CULTURA?
"DEFOLCLORIZANDO" - ALGUNS RELATOS DE PESQUISA DE CAMPO E VIVÊNCIA
EMPÍRICA
COMO REGULAR A VIDA NA NATUREZA - ETNOASTRONOMIA

BIBLIOGRAFIAS

- NOELLI, F. S. O espaço dos Guarani: a construção do mapa arqueológico no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. In: MOREIRA, L. F. V.; GONÇALVES, J. H. R. (Orgs.). Etnias, espaços e ideias: estudos interdisciplinares. Curitiba: Instituto Memória, 2009.
- FREIRE, J. R. B. A herança cultural indígena ou cinco ideias equivocadas sobre os índios. In: ARAUJO, A. C. Z. de et al. Cineastas indígenas: um outro olhar, guia para professores e alunos. Olinda: Vídeo nas Aldeias, 2010.
- BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

DISCIPLINA:
CINEMA NA EDUCAÇÃO

RESUMO

Para abordarmos melhor as muitas finalidades da utilização do cinema na educação, procuramos trazer nesta disciplina um embasamento reflexivo acerca da educação e de alguns dos grandes desafios que esta enfrenta diariamente em nosso país, independentemente de localidade ou faixa etária.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
A APRENDIZAGEM NA ATUALIDADE E OS DESAFIOS
O ALUNO DO SÉCULO XXI
A APRENDIZAGEM FORMAL E INFORMAL
O PROFESSOR DO SÉCULO XXI

AULA 2

INTRODUÇÃO
CULTURA DE MASSA
OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA
CULTURA E EDUCAÇÃO
EDUCOMUNICAÇÃO

AULA 3

INTRODUÇÃO
AS NOVAS TECNOLOGIAS VOLTADAS À EDUCAÇÃO

A MOTIVAÇÃO DO ALUNO E A DIVERSIDADE DE OPÇÕES DE APRENDIZAGEM
DIDÁTICA TÉCNICA E MARCA PESSOAL DE ENSINO
A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

AULA 4

INTRODUÇÃO

O RECURSO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO

O DESAFIO DO PRAZER E DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM

A ARTE DO CINEMA E SEU USO NA EDUCAÇÃO

A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA A FAVOR DA APRENDIZAGEM

AULA 5

INTRODUÇÃO

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA DA METODOLOGIA PARA O TRABALHO COM CINEMA EM SALA DE AULA

BENEFÍCIOS PRÁTICOS PARA A APRENDIZAGEM NO TRABALHO COM CINEMA EM SALA DE AULA

CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DE FILMES NO TRABALHO EM SALA DE AULA

PREPARAÇÃO GERAL PARA ATIVIDADES COM FILMES EM SALA DE AULA

AULA 6

INTRODUÇÃO

FILME TEMPOS MODERNOS (CHARLES CHAPLIN, 1936), POR NEPOMUCENO (2018)

FILME VILLA-LOBOS – UMA VIDA DE PAIXÃO (ZELITO VIANNA, 2000), POR MARCOS NEPOMUCENO (2015)

FILME OS DELÍRIOS DE CONSUMO DE BECKY BLOOM (J. P. HOGAN, 2009), POR THIEL E THIEL (2009)

FILME AO MESTRE COM CARINHO (JAMES CLAVELL, 1967), POR BRANDÃO (2011)

FILME QUEBRANDO A BANCA (ROBERT LUKETIC, 2008), POR COELHO (2015)

BIBLIOGRAFIAS

- MARTINEZ, C. S. M.; CAPARROS, J. B.; MOSER, A. A transposição didática e a geração NET. In.: MOSER, A.; ALENCASTRO, M. S.C.; SANTOS, R. O. Educação e tecnologias: professores e suas práticas. São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.
- GÓMEZ, G. O. Educomunicação – recepção midiática, aprendizagem e cidadania. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2013.

DISCIPLINA:

TEORIA DA PERCEPÇÃO VISUAL

RESUMO

Neste material serão abordados teorias contemporâneas da percepção visual relacionadas à criação artística; conceitos introdutórios acerca da teoria da Gestalt e sua relação com as Artes Visuais; percepção visual e fundamentos teóricos da cor; Neurociência e relação entre ciência e arte; filosofia da percepção; outras abordagens da percepção visual; desdobramentos artísticos da ilusão de ótica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O QUE É PERCEPÇÃO VISUAL?
OLHO E PERCEPÇÃO VISUAL
SEGUNDA PARTE DO PROCESSO PERCEPTIVO: OS NERVOS E O CÉREBRO
ASPECTOS CULTURAIS DA PERCEPÇÃO VISUAL
VISÃO E PERCEPÇÃO VISUAL: UM EXEMPLO

AULA 2

ANTECEDENTES HISTÓRICOS
TEORIA GESTALT: PSICOLOGIA DA FORMA
LEIS E PRINCÍPIOS DA GESTALT
GESTALT E PRODUÇÃO VISUAL
TEORIA ECOLÓGICA DA PERCEPÇÃO

AULA 3

O QUE É REPRESENTAÇÃO?
TECNOLOGIAS DE REPRESENTAÇÃO
REPRESENTAÇÃO E REALIDADE
REALISMO NAS ARTES MANUAIS
REALISMO E IMAGENS TÉCNICAS

AULA 4

ABSTRAÇÃO COMO SISTEMA REPRESENTATIVO
CONDIÇÕES PARA A ILUSÃO
ABSTRAÇÃO E ILUSÃO
REALISMO E ILUSÃO
ILUSÃO NAS ARTES VISUAIS

AULA 5

OLHANDO CORES
PERCEBENDO CORES
CULTURA E PERCEPÇÃO CROMÁTICA
ILUSÕES DA PERCEPÇÃO CROMÁTICA
COR E PRODUÇÃO ARTÍSTICA

AULA 6

DA VINCI E A PERSPECTIVA ARTIFICIAL
ESCHER E A QUEBRA DA PERSPECTIVA
JESÚS RAFAEL SOTO E A OP ART
TOMIE OHTAKE E A PERCEPÇÃO DA ABSTRAÇÃO
CLAUDIA ANDUJAR E A FOTOGRAFIA PARA ALÉM DO REAL

BIBLIOGRAFIAS

- SOMBRA-SARAIVA, José Flávio. História das Relações Internacionais contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização. São Paulo: Saraiva, 2008.
- RESENDE, Carlos Augusto Rollemberg de. O Homem, o Estado e a Guerra: uma análise teórica. Revista Brasileira de Política Internacional, Vol.47, n.1, 2004. pp.185-187. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292004000100009>.

- MESSARI, Nizar. Teoria de Relações Internacionais: correntes e debates. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DISCIPLINA:
DEFICIÊNCIA VISUAL E PRÁTICAS INCLUSIVAS

RESUMO

A deficiência visual, no Brasil, está presente em cerca de 18% da população, de acordo com o Censo de 2010. Dentre as pessoas que compõem a população brasileira, 24% declararam ter algum tipo de deficiência, sendo que, dessas, mais de 78% têm deficiência visual, ou seja, a maior parcela de pessoas com deficiência em nosso país é composta por deficientes visuais (IBGE, 2010). Esses dados mostram um número expressivo de pessoas que necessitam de melhores condições de vida, no que se refere a acessibilidade, reabilitação, lazer ou convivência social, ou seja, há uma parcela significativa da população que precisa de atendimento na área de deficiência visual. No decorrer da história da humanidade, a deficiência foi percebida de diversas formas e as pessoas com deficiência foram, por muito tempo, excluídas da sociedade, confinadas e até mortas, por serem consideradas inaptas para o convívio social. A deficiência, caracterizada por uma alteração anormal de uma estrutura física, sensorial ou patológica, quando ocorre no sistema óptico humano, pode causar a cegueira total, ou apresentar limitações severas, evidenciando a baixa visão.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
CONTEXTUALIZANDO
CONCEITOS SOBRE DEFICIÊNCIA
CARACTERIZAÇÃO DA DEFICIÊNCIA VISUAL
PRINCIPAIS CAUSAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL
DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL E NO MUNDO
FINALIZANDO

AULA 2

INTRODUÇÃO
CONTEXTUALIZANDO
O DEFICIENTE NA HISTÓRIA
SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL
A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL
A EDUCAÇÃO PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL
INTEGRAÇÃO X INCLUSÃO
FINALIZANDO

AULA 3

INTRODUÇÃO
CONTEXTUALIZANDO
O PROCESSO ALFABETIZAÇÃO E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL
O SISTEMA BRAILLE
MÃOS QUE LEEM
A ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DO SISTEMA BRAILLE
MAIS RECURSOS PARA AUXILIAR A ALFABETIZAÇÃO EM BRAILLE
FINALIZANDO

AULA 4

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

TECNOLOGIA ASSISTIVA

TIFLOTECNOLOGIA

RECURSOS PARA A PESSOA COM BAIXA VISÃO

RECURSOS FACILITADORES POR MEIO DA AUDIÇÃO

RECURSOS TÁTEIS – A VISÃO NA PONTA DOS DEDOS

FINALIZANDO

AULA 5

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

OM – O QUE É? PARA QUE SERVE?

CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA APRENDIZAGEM DE OM

DESENVOLVIMENTO DAS OUTRAS PERCEPÇÕES PARA OM

PROGRAMAS DE OM PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

OM E EDUCAÇÃO INCLUSIVA – CURRÍCULO E AVALIAÇÃO

FINALIZANDO

AULA 6

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL

AVALIANDO A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

ESTIMULAÇÃO PRECOCE: QUANTO ANTES, MELHOR!

PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL

FINALIZANDO

BIBLIOGRAFIAS

- TALEB, A. C. et al. As condições de saúde ocular no Brasil. São Paulo: Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO), 2012. Disponível em: <http://www.cbo.net.br/novo/medico/pdf/01-cegueira.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.
 - SARLET, I. W.; BUBLITZ, M. D. Declaração de Atenas: a mídia e o uso da terminologia com relação às pessoas com deficiência na perspectiva do direito à igualdade. Revista Direitos Fundamentais & Democracia, v. 15, n. 15, p. 53-66, 2014.
- ACSM – American College of Sports Medicine. ACSM's exercise management for person with chronic diseases and disabilities. USA: Human Kinetics, 1997. BRASIL. Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 ago. 2009.